

Humor à primeira vista: porno-paródias oitocentistas

Fernando Cuopos

Université Sorbonne Nouvelle - CREPAL

• fernando.cuopos@sorbonne-nouvelle.fr

ORCID 0000-0002-2367-9031

DOI

<https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2024.e1900>

Em meados do século XIX e até inícios do século XX, surgiu em Portugal uma intensa produção de textos licenciosos. Embora a maior parte tenha sido publicada sob anonimato, esses textos fesceninos revelam uma certa homosociabilidade: uma escrita entre homens e para homens. Ora, alguns dos poemas obscenos dados ao prelo revelam ser reescritas pornográficas de poetas consagrados na época ou mesmo de autores canónicos, porno-paródias por assim dizer, que visam “profanar” a literatura coeva e dar uma “bofetada no gosto do público” através do riso. Com efeito, se a geração de 70 escreve contra o ultrarromantismo, esses autores anónimos já vinham ridicularizando os *topoi* do romantismo, revelando sob “o manto [obsceno] da fantasia” “a nudez forte da verdade” sexual dos hipócritas burgueses lisboetas.

Palavras-chave: paródia; romantismo; intertextualidade; homosociabilidade; prostituição; homossexualidade.



*Au milieu du XIX^e siècle et jusqu'au début du XX^e, une intense production de textes licencieux s'épanouit au Portugal. Bien que la plupart aient été publiés sans nom d'auteur, ils révèlent une certaine homosociabilité : une écriture entre hommes et pour les hommes. Cependant, un certain nombre des poèmes publiés révèlent être des réécritures pornographiques de poètes consacrés à l'époque ou même d'auteurs canoniques. Ces porno-parodies, pour ainsi dire, vise à profaner la littérature contemporaine et à « donner une gifle au goût du public » à travers le rire. En effet, si la Génération de 70 écrit contre l'ultra-romantisme, ces auteurs anonymes ridiculisaient déjà les *topoi* du romantisme, révélant à travers « l'imagi-*

nation » pornographique « la vérité » sexuelle de l'hypocrite bourgeoisie lisboète. .

Mots clés : parodie ; romantisme ; homossociabilidade ; intertextualité ; prostitution ; homosexualité.

Devido às garras da Inquisição que condenava não só a escrita de obras lascivas, mas também quem as possuísse e quem as vendesse, foi preciso esperar até finais de Setecentos para que surgisse uma verdadeira produção de literatura licenciosa em Portugal. No entanto, boa parte das recolhas de poesia fescenina dos autores portugueses,

[...] quando existiram, começaram a ser preparadas no século XIX. São os casos da primeira edição do poema épico-satírico *A Martinhada*, de Souto-Maior (1814); de *Ribeirada*, *Poema épico em um só Canto pelo Prior de Porriños* (1823), de Pedro José Constâncio; dos dois volumes de *Poesias*, do Abade de Jazente (1837); de *Poesias Joviais e Satíricas de António Lobo de Carvalho Coligidas e Pela Primeira Vez Impressas* (1852), [sem esquecer] a primeira edição relevante das eróticas de Bocage, *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* (1854). (Fernandes; Sousa, 2023, pp. 29-30)

Em paralelo com a redescoberta desses clássicos licenciosos portugueses surge uma produção renovada de textos lascivos já que à poesia acrescenta-se a prosa (Curopos, 2023) e até são publicados almanaques pornográficos, uma tipologia particular de impressos licenciosos ao qual o *Almanak Caralhal* (1860) abriu caminho, pelo menos até onde podemos apurar na nossa pesquisa. Tendo em conta o número de poemas que lá aparecem, esse almanaque pode ser considerado como uma verdadeira compilação da poesia obscena que se escrevia nos anos em que foi dado ao prelo, além de revelar uma confraternização masculina. Os textos foram redigidos por vinte e um autores que assinaram com a primeira letra do nome próprio, preservando assim o anonimato junto do público leitor, mas revelando a sua identidade entre pares. Destarte, podemos

afirmar que existiam em Lisboa cenáculos em que se juntavam escritores senão para escrever, pelo menos para declamar versos obscenos, mas entre portas fechadas ou em espaços estritamente masculinos¹ para não prejudicar a sua imagem social como também deixa claro o folheto anónimo *Poesia Sem Decência*, publicado em Paris por volta de 1860. Com efeito, o paratexto autorial comprova a sua dimensão homosocial: “A pedido de alguns amigos, sai à luz este folheto de poesias, de nenhum mérito, talvez; só me atrevo a publicá-lo confiado na benevolência da rapaziada a quem ofereço a minha obra” (Anónimo, s. d., s. p.). Essa rapaziada deve ter achado o “folheto” suficientemente interessante e, quiçá, afrodisíaco para lhe dar uma nova vida já que esses poemas “sem decência” foram depois retomados n’O *Cancioneiro do Bairro Alto*, dado à estampa em 1864, reeditado em 1876 e publicado novamente em 1895 com um título muito mais explícito, *Cancioneiro do Lupanar*², o que só vem demonstrar o seu sucesso junto do público burguês masculino, o único, na época, a saber ler e com meios para comprar livros.

É de notar que o soneto, forma privilegiada pelos poetas licenciosos e satíricos do século XVIII, ocupa pouco espaço no Almanak Caralhal. Só constam quatro, e um deles é um mero plágio de um soneto de Bocage, sinal de que a produção fescenina do poeta sadino era lida, mas que ainda não circulava às claras nos meios literários ou então em cópias manuscritas não estabilizadas:

Soneto

Arreitada donzela em fofa leito Deixando erguer a virginal camisa, Sobre as roliças coxas se divisa Entre sombras subtis pachoco estreito:	Arreitada donzela em fofa leito Deixando erguer a cândida camisa, Sobre as roliças coxas se divisa Entre sombras subtis pachoco estreito.
De louro pelo um círculo imperfeito Os papudos beicinhos lhe matiza; E a branda crica, nacarada e lisa, Em pingos verde alvo licor desfeito.	De louro pelo um círculo imperfeito Os papudos beicinhos lhe matiza; E a branda crica, rósea quanto lisa, Verde em pingos licor alvo desfeito.

¹ Guerra Junqueiro assinou um texto obsceno, *As Musas* (1882), tendo-se depois arrependido e procurado comprar os exemplares ainda em circulação (Ventura, 2011, p. 206). Refira-se que na contracapa do opúsculo, o paratexto editorial indica ser um “Improviso feito no Martinho” (Guerra Junqueiro, 1882, s. p.), o que só vem comprovar que a escrita deste tipo de textos também podia acontecer em cafés da elite, forçosamente homosociais na época, como foi o caso para outro poema do autor, *Torre de Babel ou a Porra do Soriano* (1882), escrito “à mesa de um restaurante da capital”. Neste caso, “Junqueiro nunca permitiu que o poema fosse publicado, mas os amigos que o ouviram fixaram-no e depois surgiram várias edições clandestinas” (Ventura, 2011, p. 206).

² É de referir que o paratexto editorial também mudou. Se na contracapa aparece a mesma indicação do que nas duas edições anteriores, “Collecção de chistosas poesias offerecidas a certas meninas que fazem certas coisas...”, o livro vem ornado “com duas soberbas phototypias d’après nature” e com indicação de uma gráfica fantasiosa: “Typ. do Putedo, Rua do Deboche, 69” (Anónimo, 1895).

A voraz porra, as guelras encrespando,
Arruma a focinheira, e entre gemidos
A moça treme, os olhos requebrando.

**Como é inda boçal, perde os sentidos;
Porém vai com tal ânsia** trabalhando,
Que os homens é que vêm a ser fodidos.

(Bocage, 2017, p. 124)

A voraz porra, as guelras encrespando,
Arruma a focinheira, e entre gemidos
A moça treme, os olhos requebrando.

**Os beijo morde, e quase sem sentidos;
Vai com tanta luxúria** trabalhando,
Que os homens é que vêm a ser fodidos.

L. (Anónimo, 1860, p. 265)³

Apesar de os temas dos poemas compilados condizerem com a produção licenciosa de Bocage por serem inerentes à poesia obscena, encómio à prostituta, glorificação dos órgãos sexuais, condenação mais ou menos virulenta do “fanchonismo”, encenação das doenças venéreas, convite às donzelas para fruírem dos prazeres do corpo, os autores do *Almanak Caralhal* procuraram também nos poetas contemporâneos a sua inspiração como indicam as dezanove paródias (completas ou parciais) que conseguimos identificar. Sendo que a paródia é uma prática social e cultural historicamente situada, vale lembrar que “a relação paródica” (Sangsue, 2007) é tributária da erudição do leitor sem a qual não lhe será possível estabelecer a ligação dialógica entre o hipertexto e o hipotexto, para retomarmos as categorias de Genette (1992, pp. 18-19). Por isso, não nos foi possível determinar com certeza absoluta o número de poemas parodiados, mais ainda por se tratar de textos de meados de Oitocentos, período em que acontece um fervilhar da produção poética incentivada pelo aumento considerável de revistas e de periódicos. Por conseguinte, podemos encarar a dimensão paródica patente no *Almanak Caralhal* como uma sátira à avalanche de poemas melífluos publicados na imprensa coeva que, por razões comerciais, também abria espaço às composições dos assinantes, inclusive de mulheres. Logo, quando o hipotexto é de um autor desconhecido no meio literário, para que a “recetividade paródica” (Sangsue, 2007, p. 121) possa acontecer, o parodista orienta – mas nem sempre – a leitura indicando logo após o título tratar-se de uma reescrita. Cabe então ao leitor procurar o texto parodiado para melhor desfrutar do prazer da leitura:

³ Negritos nossos.

Versos a um gato

Se aos gatos venturas gozar fosse dado,
Com mil regalias, e cousas que eu sei,
A um gato eu dissera: – “gatinho adorado,
Transforma-te em homem, que eu gato serei.

No colo dormindo, dormindo no estrado,
De certas mãozinhas, que afagos terei!
Gatinho invejável, invejo o teu fado.
Transforma-te em homem, que eu gato serei.

Num quarto recôndito, em fofo tapete,
Com sono fingindo, mistérios verei,
Verei (e quem sabe?) despir-se o colete;
Oh, muda-te em homem, que eu gato serei.

De certa deidade, gatinho estimado,
Ao ver-te ditoso, teu fado invejei;
Eu quero ser gato, oh! invejo o teu fado,
Transforma-te em homem, que eu gato serei.

(Diniz, 1852, p. 271)

Versos a um gato
(Paródia)

Se aos gatos venturas gozar fosse dado,
Com mil regalias e cousas que eu sei,
A um gato eu dissera: – “gatinho adorado,
Transforma-te em homem, que eu gato serei.

No colo dormindo, dormindo no estrado,
De certas mãozinhas, que afagos terei!
A porra estremece com tal pensamento.
Transforma-te em homem, que eu gato serei.

Num quarto recôndito, em fofo tapete,
Com sono fingindo coninhas verei,
Verei maminhas ao despir-se o colete;
Oh, muda-te em homem, que eu gato serei.

E às vezes da cama, gatinho estimado,
Desfruta a punheta e mil cousas que eu sei;
Gatinho invejável, invejo o teu fado,
Transforma-te em homem, que eu gato serei.

R. (Anónimo, 1860, p. 165)

Sem a indicação prévia, o leitor passaria ao lado da transformação lúdica e ficar-se-ia por uma leitura unívoca, a de um mero texto obsceno, perdendo assim o humor que tal transformação acarreta. Daí a predileção dos parodistas de modo geral por obras e autores reconhecidos e divulgados por terem a certeza de atingirem o seu leitor ideal, com um património literário partilhado, e o seu objetivo, o de fazer rir ao virar do avesso textos consagrados:

Marília de Dirceu, Lira 1.^a

Eu, Marília, não sou algum fanchono
Que viva de comer qualquer sacana,
Na foda sou herói, invisto o cono
Com a porra nestas lides já vet’rana.
Tenho tesão tão duro, e tão tuxado
Que é capaz de fazer um cono em borra;
A fúria habitual da minha porra
Rasga em postas o virgo o mais cerrado.
Graças Marília bela,
Graças à minha estrela!

[...]

E quando enfim chegar a puta morte,
 P'ra tão suaves luxos nos roubar
 Cono e porra terão a mesma sorte
 De nunca mais, ah nunca fornicar.
 Este epitáfio sobre a campa alçado
 Dirá nosso destino ao caminhante:
 Aqui jazem dois fodões e tão constantes
 Que os mistérios da foda hão devassado.
 Graças Marília bela,
 Graças à minha estrela!

(Anónimo, 1860, pp. 80-83)⁴

⁴ O poema foi integralmente parodiado. Cortamos por falta de espaço como acontece nos poemas seguintes.

Tomás António Gonzaga é o único poeta não contemporâneo parodiado no almanaque, sendo que os autores preferiram poetas românticos, a maioria deles ainda vivos no tempo da publicação. Já não era o caso de Almeida Garrett cujo *Folhas Caídas* (1853), com laivos erotizantes, foi dado ao prelo um ano antes da sua morte. Ainda que apareçam pastiches dos poemas de Garrett no *Almanak Caralhal* e alusões obscenas aos romances compilados por ele no seu *Romanceiro e Cancioneiro Geral* (1843), nenhum deles é integralmente parodiado. Contudo, sendo ele um dos vultos cimeiros do romantismo em Portugal, os seus versos não podiam deixar de ser evocados, como no exemplo a seguir:

Destino

Quem disse à estrela o caminho
 Que ela há de seguir no céu?
 A fabricar o seu ninho
 Como é que a ave aprendeu?
 Quem diz à planta – “Floresce!”

[...]

**Ensinou alguém à abelha
 Que no prado anda a zumbir
 Se à flor branca ou à vermelha**
 O seu mel há de ir pedir?

[...]

Conselho inocente

Minha Rosa, sem ser velho,
 Quero dar-te um conselho,
 Que tu deves abraçar:
 Procura já um marido,
 Com marzapó bem comprado,
 Que te possa saciar.

[...]

**Ensinou alguém à abelha,
 Que em torno de flor vermelha,
 Peça a zumbir sua foda?
 É o instinto, que revela,**
 Dever levar na panela
 A piça do zangão toda!

Como a abelha corre ao prado,
 Como no céu gira a estrela,
 Como a todo o ente o seu fado
Por instinto se revela,
 Eu no teu seio divino
 Vim cumprir o meu destino...
 Vim, que em ti só sei viver,
 Só por ti posso morrer.

(Garrett, 1892, pp. 151-152)

Tudo fode, bela Rosa,
 Segue conselho, formosa,
 De mil preconceitos nu,
 A honra é pura ficção,
 Fode o gato, a abelha, o cão,
 Também hás de foder tu!

B. (Anónimo, 1860, pp. 86-87)

Essas alusões obscenas remetem para um poeta suficientemente divulgado e lido para que a “recetividade paródica” aconteça sem que o parodista precise retomar todo o hipotexto nem orientar a leitura indicando tratar-se de uma paródia. Sendo Garrett o poeta por excelência do romantismo português é reverenciado por toda uma geração de epígonos que lhe imitam tanto o estilo quanto o imaginário. Por isso, não é de estranhar que o seu Camões (1825) tenha inspirado autores contemporâneos, e não só, entre os quais o ultrarromântico Luiz Augusto Palmeirim:

Luís de Camões

Que poeta que não era
 Da linda Inês o cantor!
 Quem mais do qu’ele dissera
 Desse fero Adamastor!
 Era um astro fulgurante;
 Era um poeta gigante;
 Tinha mais alma que o Dante,
 Cantava com mais amor!

[...]

A sorte fê-lo poeta
 Das cinzas da pobre Inês:
 O mundo fê-lo profeta
 Do destino português!
 Poeta da desventura,
 Previu a morte futura;
 Escreveu com mão segura
 A profecia que fez!

Paródia

Que grande puta não era
 A Joaquina dos Cordões!
 Quem como ela fizera
 Vazar o molho aos colhões!
 Era uma puta chibante,
 Tinha um coninho elegante
 Encrespava n’um instante
 Os caralhos dos pimpões.

[...]

A sorte tornou-a puta,
 E mais puta do que trêz,
 P’ra chuchar à barba enchuta
 O caralho português.
 Puta de grande ventura,
 Mesmo já quando madura,
 Fingiu mui bem a ternura,
 Aviou muito freguês.

Deus que deu aos portugueses
D'além-mar as regiões,
Que nos livrou dos revezes,
Deu-nos o rei das canções.
Fomos o povo escolhido,
O nosso nome temido,
Hoje...só é conhecido
Pelos cantos de Camões!

[...]

A Camões, por monumento,
Só resta um livro, não mais:
Daquele génio portento
Não temos outros sinais!
Mas que importa se a memória
Do cantor da nossa glória,
Alcançou maior vitória
Nos seus cantos colossais!

(Palmeirim, 1854, pp. 135-136)

Deus que deu aos portugueses
Do Bairro-Alto os cações,
Que nos causam mil revezes
Ao caralho e nos colhões,
Deu também em recompensa
Essa puta, puta imensa
Que jamais teve doença
Se valem as tradições.

[...]

Triste; por seu monumento
Só resta o nome, não mais...
Daquela puta portento
Não temos outros sinais!
Mas qu'importa se a memória
Dessa puta d'alta glória
Viverá na lusa história
Enquanto houverem pardais.

(Anónimo, s. d., pp. 29-24)

Camões, o vate inspirado, tornara-se uma figura incontornável para os românticos que viam nesse “poeta da desventura” a pura imagem do génio incompreendido. Por conseguinte, no contexto do Portugal de Oitocentos, a versão paródica do poema de Palmeirim pode ser considerada uma verdadeira profanação, no sentido agambiano do termo, ou seja, um meio para tornar profano algo tido como sagrado afim de restituir-lo ao livre uso dos homens (Agamben, 2019, p. 95). Conquanto o poeta épico fosse uma figura central e aurática para a cultura portuguesa, acabou por se tornar um lugar comum ridiculizado no hipertexto que, por sua vez, passa a ser um verdadeiro encómio à “Joaquina dos Cordões”. Fica assim lembrada, “Enquanto houver saudade” no Bairro Alto, uma das mais afamadas prostitutas da Lisboa de meados de Oitocentos. Deste modo, essas paródias deslizam para a pornografia pura já que enaltecem não só a prostituição – o étimo grego *pornê* significa meretriz – como libertam “da lei da morte” prostitutas tornadas elas também “glória da lusa nação”:

Medicina de Deus

Tudo sem ti é tristeza,
Tudo sem ti me aborrece;
Erma a terra me parece,
Não tem vida a natureza!

Por isso, mesmo doente
Venho aqui para te ver;
Pois antes quero morrer,
Que de ti viver ausente.

A tua vista amortece
A força da minha dor:
E longe do teu amor
É minha alma quem padece.

Deixa-me pois a teu lado
O meu remédio buscar;
Basta-me ouvir-te falar
Para logo ser curado.

Basta-me ver-te, querida,
Pois na luz dos olhos teus,
Achei sempre amor e vida,
A medicina de Deus.

(Amorim, 1858, pp. 124-125)

A Júlia
(Paródia)

Tudo sem ti é tristeza
Tudo sem ti me aborrece;
Feia a terra me parece
Nada o caralho m'enteza.

Por isso mesmo doente
Venho aqui p'ra te foder,
Pois antes quero morrer
Que vir-me de ti ausente.

A tua cona amortece
A força do meu tesão,
E longe de ti... Ai não!...
É a porra quem padece!

Deixa pois n'esse coninho
O meu remédio buscar;
Basta Júlia, ouvir-te a fala
P'ra pica se levantar!

Basta sentir-te, querida,
Entre os magros braços meus,
Para gozar na vida
Delícias que são dos céus.

N. T. (Anónimo, 1860, pp. 280-281)

No entanto, ao passo que a prostituição masculina é silenciada no primeiro tratado português sobre o tema (Santos, 1841) e até invisibilizada em estudos mais recentes sobre o período (Pais, 2008), o *Almanak* torna-se um verdadeiro documento sociológico (Cruz, 2018) sobre a vivência dos dissidentes sexuais na Lisboa oitocentista:

A madrugada
No Rio das Amazonas em 1842

Sê bem-vinda madrugada,
Que eu simpatizo contigo;
Parece que me conforta
O ver-te chorar comigo.

D'um puto a uma puta
(Paródia)

Sê bem-vinda linda puta,
Que eu simpatizo contigo;
Parece que me conforta
O ver-te chorar comigo.

São iguais nossos destinos,
Igual sorte nos domina;
Tu chegas sempre chorando,
Chorar sempre é minha sina.

Mas é doce o teu orvalho,
E o teu pranto vem do céu;
E eu choro fel amargo,
Porque n'alma nasce o meu.

Da minha amada família
Quem me dera ao lar volver!
E gozar no céu da pátria
O teu doce alvorecer!

Mas a estrela que me guia
Pelo espaço vaga errante;
Já nem resta uma esperança
Ao perdido viandante!

Neste mundo de desterro
O meu viver é penar:
De dia sem ter sossego,
De noite sem repouso!

(Amorim, 1858, pp. 27-28)

São iguais nossos destinos
Igual sorte nos domina:
Tu vives sempre fodendo,
Fazer vir é minha sina!

Mas é doce o teu trabalho
O teu foder vem do céu:
Mas o meu?... levar na *cifra*!...
Que gozo posso ter eu?!...

Neste mundo de fanchonos
O meu viver é esporrar,
De dia em certas baiucas,
De noite, à luz do luar.

E nem sequer uma vez
Se me abaixa o tesão;
Que os putas com quem eu vivo
Não fazem luxos co'a mão!...

Mas tu fodes linda Júlia
E eu simpatizo contigo,
Alivia-me os tomates
Oh! vem!... vem vir-te comigo...

N. T. (Anónimo, 1860, pp. 301-302)

Se na literatura canónica, as relações afetivas e eróticas entre pessoas do mesmo sexo não aparecem por serem um tabu absoluto, o *Almanak Caralhal* torna-se, quanto a ele, uma verdadeira antologia de textos vertendo sobre a homossexualidade masculina, o que só indica o quão visível ela era (Curopos, 2019a) e o quanto os autores compilados estavam a par da prática do engate homossexual em certas ruas da capital e nos “urinóis” (Curopos, 2019b), além de saberem da existência de espaços de convívio para os dissidentes sexuais, como a “hospedaria” do “Fermino”. Por conseguinte, esse livro e o *Poesias Sem Decência*, publicados clandestinamente, eram duplamente obscenos, por falarem de sexo e por “encenar” o que devia socialmente permanecer no reino do não dito, dando assim visibilidade à comunidade e à cultura homossexual da Lisboa de meados de Oitocentos:

A minha vara de condão

Uma vara de condão
Deu-me outr'ora boa fada!
Pede... e tudo alcançarás
Desta varinha encantada.

Minha vara de condão
P'lo condão que Deus te deu,
Dá-me uma estrela do céu,
Minha vara de condão.

Dá-me asas de prata pura
Com que possa aos céus voar,
P'ra terra poder deixar
Quando me oprime a tristura.

Minha vara de condão
Faz-me o futuro ver,
Para nele eu poder ler
Páginas do coração.

E dos astros o mais belo
Deu-me a vara de condão:
Mas seu brilho era mui forte,
Abrasou-me o coração.

[...]

Finalmente, deu-me o dom
Do meu futuro saber,
Mais valera mo não desse...
Que pedido eu fui fazer!...

[...]

(Costa, 1848, pp. 222-223)

A minha vara de condão
Oferecida ao meu amigo Berra

Uma vara de condão
Pedi a uma feiticeira
Já que os novelos d'Avó
Não fazem senão asneira.

Peço, e logo tudo alcanço
Desta varinha encantada,
Que me pende d'entre as pernas
No alçapão ocultada!

Minha vara de condão,
Digo, tirando-a para fora,
Dá-me um puto que te alegre,
Que te esfole muito embora!

Dá-me asas de prata pura,
P'ra ao Fermino te guiar,
Dá-me dedinhos macios
Dá-me um cu p'ra te afogar!

Peço... e vou à hospedaria,
Neste século das luzes,
Vejo entrar, sair mil putos,
Qual em nora os alcatruzes.

A minha vara encantada
Dá-me o dom d'adivinhar,
Quais aqueles que se escama,
Ou que gostam d'escamar!

Eis que vem um de charuto,
Que brilha qual um farol,
Lá vem outro que me encara
Procurando o urinol.

Após ele tiro a vara,
Íman de forte atração,
Subo, e logo como encanto,
Consigo a desleitação.

B. (Anónimo, 1860, pp. 16-17)

Assim, esses poemas dão a ver uma realidade social marginal além de darem a conhecer figuras das margens, mas de maneira lúdica e cómica, através da “carnavalização” (Bakhtine) da literatura coeva. O que

prevalece é a inversão dos valores em que “os putos” e as “putas” passam a ser cantados e louvados no lugar das castas e evanescentes donzelas, anjos cobiçados pelos donzéis enamorados:

Canto do donzel

Entre todas a mais bela
Mais bela não tens rival,
Tu, formosa Catalina
Soltando a fala divina
Por teus lábios de coral.

O Xenil rio formoso
Viu-te em Granada brotar:
Festejou-te preguiçoso,
E fagueiro e bonançoso
Aos pés te foi murmurar.

Tu pareces sobre a terra
Um raio de luz no céu,
Quando na terra pensando
Suspiras de quando em quando
Quase oculta em branco véu.

Tu és a perla de Espanha,
És a rosa granadil,
Quando o teu corcel donoso
Do leve pesa orgulhoso
Corre as margens do Xenil.

O sultão por ti trocara
Do seu serralho as houris,
Quando dos lábios rosados
Os lindos dentes nevados
Tu mostras quando sorris.

[...]

Por ti o Tasso deixara
Sua formosa Leonor,
Se n'um sonho de ternura
Sonhasse tua figura,
Passando como um vapor.

[...]

(Aboim, 1854, pp. 11-13)

Canto da donzela

D'entre as putas, a mais puta,
Não tens, oh Júlia, rival,
És puta bêbeda, formosa,
Tens cona muito espaçosa
Tens mamas de cagaçal...

O Rossio, lindo, formoso
Viu-te sacana brotar;
Desvirgou-te preguiçoso
Um fanchono venturoso
Que o cu te quis explorar.

Tu pareces sobre a terra
Um raio de luz do céu,
Quando na terra fodendo,
Suspiras, e vais gemendo
Levando no cono teu!

Tu és a perla de Espanha
Um coiro de Granadil,
Quando o teu cono orgulhoso
Se vem ledado e donoso
Como a águas de Genil.

O sultão por ti trocara
Do seu putado, as houris,
Quando dos lábios pintados
Os negros dentes cagados
Tu mostras quando sorris!

Por ti o Tasso trocara
A putíssima Leonor!...
Se n'um sonho de tesura
Sonhasse a tua figura
Fodendo como a vapor!...

[...]

N. T. (Anónimo, 1860, pp. 350-351)

Quanto aos paladinos do amor puro, dispostos a morrer pela amada, pelo menos nos seus versos, são ridiculizados por esse tema se ter tornado um tópos mais do que gasto, repetido *ad nauseam* pelos poetas românticos:

Pedido	O Pedido
Oh! nunca viste, donzela, Uma estrela Em céu sereno a brilhar? É tua imagem radiosa, Mais formosa Do que a pérola do mar.	Oh! nunca viste donzela Um caralho Entre as pernas a pular? Não viste porra formosa Mui lustrosa Morrendo por s'esporrar?
Nunca viste a veia pura, Que murmura Sobre o leito de verdores? Assim se passa tua vida Consumida Entre os folguedos e amores. [...]	Nunca sentiste donzela O caralho Em teu cono, rijo entrar? Nunca provaste delícias As carícias Que a foda nos faz gozar?
Dá-me essas estrela brilhantes, Que incessante Vejo nos céus a luzir; Eu quero, sim, não receio, No meu seio Seu fogo quero sentir.	Dá-te à ventura, donzela, Tão formosa, Dá-te ao gozo do foder. Vem comigo meu anjinho, Teu coninho Eu farei gozar prazer.
Dá-me essa pura corrente Docemente Entre as flores a correr; Quero fartar o meu peito, Satisfeito, O que m'importa morrer?	Dá-me o teu cono, donzela, Meiga e linda, Meu prazer, minha querida, Que eu te darei meus colhões, Meus tezões, Te foderei toda a vida.
(Coelho, 1857, pp. 23-24)	R. (Anónimo, 1860, pp. 382-383)

Porém, e sobretudo a partir da publicação de *Folhas Caídas*, escandaloso livro no qual Garrett confessa, de maneira velada, o seu caso amoroso com a Viscondessa da Luz, os seus epígonos ousam uma escrita mais sensual em que a amada também é convidada a gozar da vida, sem recalcar nem recluir os seus impulsos amorosos. Aliás, as castas donzelas de outrora já não são assim tão inocentes, como aponta Camilo Castelo Branco também parodiado no *Almanak*:

A Maria
(Em 25 de março de 1796)

A quem dizes tu, donzela,
Os teus sonhos? É à estrela
Que eu, no céu, já namorei?
É escusado esse degredo
Em que tens o teu segredo
Para mim... que tudo sei.

Quando se é da tua idade
Nada vale a habilidade
Em fazer segredo o amor.
Se o mistério os lábios calam,
Fala a cor, os olhos falam,
Tudo vem da face à flor.

No disfarce caprichoso,
Com que o rosto desdenhoso
Do teu anjo tu desvias...
Nesse gesto frio e mudo,
Dizes mais... confessas tudo
Que, a falar nunca dirias.

Sei que tens loucos momentos,
Em que estudas fingimentos
De vaidosa afetação.
Olha, amiga, em anos verdes,
Fica mal... não ganhas, perdes
Mascarando o coração.

Sê mulher! Não te acobardes!
Essa luz, em que ardes,
Não esconde, a teu pesar...
Tudo em ti se denuncia...
Ou que finjas na alegria
Ou te escondas a chorar.

[...]

(Castelo Branco, 1911, pp. 52-53)⁶

Adivinhei

A quem dizes tu, donzela,
Os teus sonhos? É à estrela,
Que eu, no céu, já namorei?
É escusado esse segredo,
Queres foder, eu bem sei...

Quando se é da tua idade,
É vulgar a ansiedade
Que sentes no conito teu.
Se o mistério os lábios calam,
Não cala o amor meu.

No disfarce desdenhoso
Com que o rosto caprichoso
Tu de mim sempre desvias,
Dizes mais, confessas tudo,
Que a falar nunca dirias.

Sei que tens, louca, momentos,
Horas de muitos tormentos
Em que metes no coninho
Ansioso por foder
O teu mimoso dedinho!

Fode pois! Não te acobardes!
Esse fogo em que tu ardes
Eu o sinto, bem o sei,
Queres foder, bela virgem,
Não há dúvida, adivinhei.

R. (Anónimo, 1860, pp. 294-295)

⁶ Publicado pela primeira vez no jornal *A Aurora do Lima*, a 6 de dezembro de 1856, sob o pseudónimo de João Júnior.

O sentimentalismo romântico é, como se vê, radicalmente desmistificado na literatura obscena contemporânea. Deste modo, podemos considerar essas reescritas lúdicas como verdadeiras “paródias satíricas” (Sangsue, 2007, p. 245) nas quais os clichés do romantismo são “carnavalizados” com o intuito de ridiculizar escritores contemporâneos, como Jacinto

Augusto de Santana e Vasconcelos ou António Pereira da Cunha, colaborador da *Revista Universal Lisbonense* (1841-1853), fundada por António Feliciano de Castilho, a *bête noire* da geração do realismo emergente:

A minha viagem	Viagem de um marítimo
<p>Voga brilhante galera, Ergue a proa sobre o mar, Qu'eu quero na primavera À minha terra chegar:</p> <p>[...]</p> <p>Porque me apraz ver soltadas Estas velas aos tufões? Ouvir silvar as rajadas E roncarem os trovões? Porque folgo em ver erguida Minha galera, e sumida Das vagas entre o fervor?</p> <p>[...]</p> <p>No fundo do horizonte Vejo uns cerúleos listrões,</p> <p>[...]</p> <p>Ó Tejo! Ó veigas formosas! Ó pátria! Ó meu Portugal!</p> <p>(Vasconcelos, 1841, pp. 151-152)⁷</p>	<p>Levanta-te ó meu caralho, Ergue as ventas para o ar Que tu vais bem depressa A tua fodinha dar. Levanta-te ó porra minha Que vais em terra saltar.</p> <p>Há muito que tu não provas Da foda o belo prazer Só a punheta te mitiga A saudade do foder. Porra minha ergue-te ufana Que agora feliz vais ser.</p> <p>[...]</p> <p>Porque me apraz ver soltadas Estas velas aos tufões? Ouvir silvar este mar Este mar em borbotões. É que anseio saltar em terra Pr'a despejar os colhões.</p> <p>R. (Anónimo,1860, pp. 216-217)</p>
A minha lira	A tua cona
<p>Se não fora o refrigério, Que a minha lira me traz, Quando das trevas no império, Se tolda todo o hemisfério, E me cerca de mistério Essa tristeza tenaz... Ai! de mim o que seria, Se não fora a poesia, Que me dá conforto e paz!</p>	<p>Se não fora o refrigério Que a tua cona me traz Quando sinto erguer-se a porra Com tesão forte e tenaz... Ai de mim o que seria Se não fosse a tua cona Que é meu prazer e alegria.</p>

[...]

Bem hajas, ó poesia,
Que assim me rasgas o véu
Que a minh'alma enegrecia,
Teu brando fulgor me guia,
Como o astro que alumia
Ao navegante o escarcéu,
Bem hajas, ó minha lira,
Comigo canta e delira...
Subamos ambos ao céu!

[...]

A que asilo me transportas,
A que estranha região?...
Abres-me rúbidas portas,
E de estrelas semimortas
Só vejo o casto clarão!...

[...]

(Cunha, 1849, pp. 216-217)

Bem hajas ó bela cona
Que assim me mostras o céu
Como o astro que alumia
Ao navegante o escarcéu.
Bendita sejas, coninha,
Bela, papuda, mimosa,
Prazer da porra minha.

A que gostos me transportas,
A que estranha região?
Abres-me os céus do prazer,
Abates o meu tesão
Entre inefáveis carícias,
Tu és, ó bela coninha,
O meu prazer e delícias.

R. (Anónimo, 1860, p. 94)

8 "Os poetas de álbum". Artigo publicado pela primeira vez n' *A Semana: Jornal Literário*, vol. II, maio de 1851, n.º 17, p. 198.

Deste modo, os parodistas lançam farpas a toda uma geração de escritores, tanto aos nacionalistas ingénuos quanto ao típico "Poeta de álbum"⁸ que "[...] à semelhança destes artistas fúnebres, que não sabem abrir letras senão no mármore dos túmulos, e fazer elogios a defuntos, [...] só sabe rimar em folhas encadernadas, e não faz senão exaltar perfeições, ainda que a dona do álbum seja uma fúria!" (Latino Coelho, 1919, p. 70). Face à idealização da mulher pelos autores românticos, os poetas do *Almanak Caralhal* louvam mulheres com "encantos" bem mais prosaicos e dadas aos prazeres terrenos:

A mulher

Mimosa c'roa de encantos
Te cinge a fronte, mulher!
Prendem-nos a alma teus prantos
Que meiga nos deixas ver,
És uma estrela radiante,
Uma pérola brilhante,
Um celestial descante
Que nos mitiga o sofrer.

N'um álbum

Mimosa c'roa de encantos
Tens entre pernas, mulher!
Fazes curtir tesões tantos
Quando meiga a deixas ver!...
É uma pérola radiante,
Uma florinha brilhante,
Que nos convida a foder.

Qu'importa no mundo a vida
Quando é vivida sem ti?
É qual florinha pendida
Que o tufão matou assi!
É como a triste saudade
Que nos veda a f'licidade.
No verdor da mocidade
Quando a vida nos sorri!

Tu és uma harpa divina
Que os anjos vêm desferir,
És quem meiga nos ensina
A crer, amar e sentir!
Falam d'amor teus olhares,
[...]
Teus inocentes folgares,
Teu deslumbrante sorrir!

[...]

Mulher tu és nesta vida
A nossa esperança qu'rida,
A florinha enriquecida
Pelo Autor da criação!

(Rodrigues de Matos, 1860, pp. 18-19)

Que importa no mundo a vida
Sem essa flor desfrutar,
Flor entre pernas nascida
P'ra nossa dor mitigar?
Mulher! És minha ventura,
Meu caralho com tesura
Por ti sinto palpitar.

Tu és uma harpa divina
Que os anjos vêm desferir,
És quem meiga nos ensina
A amar, foder e sentir.
Quando os teus olhos eu fito
Sinto o caralho aflito,
Ansioso por se vir.

Mulher, flor enriquecida
Pelo autor da criação,
És meu prazer, minha vida,
Ventura do coração!
Eu morro por ti mulher,
Levara a vida a foder
Se me ajudasse o tesão!

R. (Anónimo, 1860, pp. 375-376)

Só que as “mimosas c’roas de encanto” das mulheres da vida têm muitas vezes espinhos que causam verdadeiros tormentos, já não da alma, mas do corpo. Os males do amor romântico, metamorfose da “coita” da lírica medieval, passam as ser outros na literatura fescenina. Pois, o amor carnal pode tornar-se, deveras, “fogo que arde” e “ferida que dói”. Por isso, a sífilis e os esquentamentos, como eram chamadas as doenças venéreas na época, são um dos grandes temas da poesia obscena do século XIX. Ainda que esses poemas sejam fruto da misoginia inerente à sociedade patriarcal – a mulher é, desde a Eva bíblica, culpada dos males do homem –, não deixam de ter uma dimensão profilática num tempo em que não se falava abertamente de doenças sexualmente transmissíveis, as quais eram, no entanto, um verdadeiro problema de saúde pública:

Eras a estrela brilhante
 Dos meus dias venturosos!
 Eras meiga donzela
 Dos meus sonhos amorosos.

Eras a flor mais formosa
 D'entre as mais formosas flores!
 Eras a brisa fagueira,
 Cofre de puros amores.

Eras a minha ventura,
 Da minha vida eras alma!
 O coração de meu peito!
 Dos meus tormentos a palma!

E só és agora a estrela
 Dos meus dias malfadados,
 És donzela que só vejo
 Em sonhos amargurados!
 [...]
 És génio malfazejo,
 Génio mau do meu viver;
 Demónio que me atormenta,
 Mas que não posso esquecer!

(Costa, 1849, pp. 392-392)⁹

Eras a estrela brilhante
 Dos meus dias de prazer!
 Agora és puta safada,
 Levas a vida a foder.

Eras a flor mais formosa
 D'entre as mais formosas flores:
 Agora és poço de galico,
 Que causa tormentos e dores!

Eras a minha ventura,
 Da minha vida eras vida!
 Agora és um cagaçal
 És uma mulher perdida.

Eras formosa estrela
 Do meu viver malfadado;
 Agora és couro imundo,
 És um couro galicado.

És um génio malfazejo,
 Génio mau do meu viver!
 Demónio que me atormenta,
 Que o tesão me fez perder.

R. (Anónimo, 1860, p. 90)

Conquanto obscenas, as paródias compiladas no almanaque revelam um certo virtuosismo a nível da composição, da métrica, e um requinte na construção oposta do sentido, além de revelar um conhecimento profundo e íntimo da produção poética contemporânea. Daí podermos inferir que esses versos foram compostos por escritores com verdadeiros dotes artísticos, uma nova geração de poetas que escrevia contra a *arrière garde* do romantismo, entre os quais Bulhão Pato:

⁹ Revista Popular, n.º 49, 1849, p. 392-391

Zila
Romance

[...]

Não há palavras na terra
Para poder expressar
Este vago delirar,
Este enleio que a alma encerra;
Diz-se no lânguido olhar,
No convulso arfar do peito,
Porque a voz não tem efeito
Com que o possa revelar.

[...]

(Bulhão Pato, 1850, p. 5)

O gosto da foda

Não há palavras na terra
Para poder expressar
O gosto que a foda encerra!
Diz-se no lânguido olhar,
No convulso arfar do peito
Porque a voz não tem efeito,
Com que o possa revelar.
[...]

R. (Anónimo, 1860, pp. 47-48)

Se os colaboradores do *Almanak Caralhal* eram poetas “sem bom senso nem bom gosto” por escreverem versos obscenos e por falarem de temas tabus, o certo é que, ao criticarem abertamente os clichés do romantismo e os seus cultores, também procuraram renovar a literatura portuguesa, através da sátira e do riso. Assim sendo, as composições que viemos a analisar serviram para ridiculizar, de maneira lúdica, mas não menos violenta no seu dizer, os muitos “Alencares” da literatura romântica, abrindo também caminho, *sotto voce*, como sói à literatura marginal, à “Questão coimbrã”.

Bibliografia

- Aboim, J. d'. (1854). *Os Meus Últimos Versos*. Lisboa: Typ. Lisbonense de Aguiar Vianna.
- Agamben, G. (2019). *Profanations*. Trad. Martin Rueff. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Amorim, F. G. de. (1858). *Cantos Matutinos*. Lisboa: Typographia Progresso.
- Anónimo. (1860). *Almanak Caralhal*. Paris: s. n.
- Anónimo. (s. d.). *Poesias Sem Decência*. Paris: Imprimerie de Moraux et fils.
- Anónimo. (1895). *Cancioneiro do Lupanar*. Paris: Typ. do Putedo.
- Bocage, M. (2017). *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. Lisboa: IN-CM.
- Bulhão Pato, R. A. De. (1850). *Poesias*. Lisboa: Typographia da Revista Universal.
- Castelo Branco, C. (1911). *Folhetins de Camilo Castelo Branco Publicados n'A Aurora do Lima*. Viana do Castelo: Typ. Commercial.
- Coelho, J. R. (1857). *Prelúdios Poéticos*. Lisboa: Typ. do Progresso.
- Costa, J. V. B. da. (1848). "A minha vara de condão". *Revista Popular*, n. 28, pp. 222-223.
- "O que foste, e o que és agora". (1849). *Revista Popular*, n.º 49, pp. 392-391.
- Cruz, E. da. (2018). "Palavras de luxúria e de deboche: homoerotismo no *Almanak Caralhal*". *Via Atlântica*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 113-133. <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118841>> (último acesso em 19/05/2024).
- Cuopos, F. (2019a). *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira*. Lisboa: Index.
- "Cruising dans la Lisbonne fin-de-siècle". *Crisol*, Université Paris Nanterre, n.º 9, pp. 162-185. <<https://crisol.parisnanterre.fr/index.php/crisol/article/view/106/97>> (último acesso em 19/05/2024).
- "A biblioteca (in)visível" (2023). *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 34, n.º 50, pp. 12-31. <<https://www.convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/536>> (último acesso em 19/05/2024).
- Diniz, P. (1852). "Versos a um gato". *Revista popular*, vol. V, n.º 33, agosto de 1852, p. 271.
- Fernandes, M. P.; Sousa, R. (2023). "O cânone libertino setecentista, um produto do século XIX português?". *Via Atlântica*, São Paulo, n. 43, pp. 18-47. <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/197121>> (último acesso em 22/01/2024).
- Garrett, A. (1892). *Versos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Genette, G. (1992). *Palimpsestes*. Paris: Éditions du Seuil.
- Guerra Junqueiro. (1882). *As Musas*. Porto: Typ.ha de José F. Ferreira.
- Latino Coelho, J. M. (1919). *Typos Nacionaes*. Lisboa: Editôras Santos & Vieira.
- Machado Pais, J. (2008). *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX a Inícios do Século XX*. Porto: Ambar.
- Palmeirim, L. A. (1854). *Poesias*. Lisboa: Editor A. J. F. Lopes.
- Pereira da Cunha, A. (1849). "A minha lira". *Revista Popular*, n.º 27, pp. 216-217.
- Rodrigues de Matos, J. J. (1860). *A Mulher*. Coimbra: Imprensa Literária.
- Sangsue, D. (2007). *La Relation parodique*. Paris: José Corti.
- Santana e Vasconcelos, J. A. (1841). "A minha viagem". *Revista Popular*, n.º 19, pp. 151-152.
- Santos, F. I. dos. (1841). *Da Prostituição na Cidade de Lisboa*. Lisboa: Typ. Lisbonense.
- Ventura, A. (2011). "Posfácio". In: Guerra Junqueiro. *Torre de Babel ou a Porra do Soriano*. Lisboa: Tinta da China, pp. 205-213.